

**SE
TOCÁSSEMOS
VIOLINO
SERÍAMOS
FELIZES**

AMOSTRA

**SE
TOCÁSSEMOS
VIOLINO
SERÍAMOS
FELIZES**

AMOSTRA

**BRANCA
MARIA DE
PAULA**



Rio de Janeiro, 2025

A única influência da qual é preciso defender-se é a de si mesmo.

Bioy Casares

(...) vejo que todos os campos estão abertos, que não haverá mais muros, que a palavra escrita não saberá mais onde se esconder, se fazer, ser lida, que sua inconveniência fundamental não será mais respeitada.

Marguerite Duras

SUMÁRIO

PORCOS	9
ESTRANHAMENTE ÍNTIMA	11
PITUCHAS	18
DESMANCHE	20
FOTOGRAMAS	22
TUDO FAZ SENTIDO	27
O HÓSPEDE	38
CENAS	59
PERNAS	64
IDEIAS EM FUGA	72
TUFOS DE PAINA	79
CORDA BAMBA	83
HOMEM NU	88
ELA E O TEMPO	92

PARA SEMPRE MEU	97
MENINA QUERIDA	109
QUANDO EU VOLTAR SEREI OUTRO	115
JANICE E O PRINCÍPIO DA INCERTEZA	123

AMOSTRA

PORCOS

Ficamos vigiando o homem. E era difícil vigiar o homem.

Ficamos vigiando os porcos. E era difícil vigiar os porcos, que tentavam romper nosso bloqueio improvisado.

Ficamos vigiando a estrada. E era difícil vigiar a estrada, os carros aparecendo e sumindo como miragem, na curva repentina.

Tínhamos de cuidar para que o homem não dormisse.

Tínhamos de cuidar para que os porcos, sedentos e famintos, não bebessem o sangue que ainda minava, empapando a roupa em farrapos e o capim de pouca monta. Cuidar para que não fuçassem as tripas do motorista, que escapavam da barriga e se derramavam para fora de forma grotesca, num arremedo de cena, ensaio ou simulacro.

Os porcos. Que revirassem a terra macerada, os destroços, os pedaços soltos ao redor. Mas que mantivessem a devida distância.

Alguns deles morreram logo. Outros, agonizantes, grunhiam alto e exasperavam o resto do rebanho. Mas o homem, este raramente gemia. E era um “ai” dolorido, longe, como um queixume que entrasse entre as moitas rasteiras e não soubéssemos de onde vinha.

Mantinha os olhos vazios, livres de memórias e emoções, enquanto a cabeça pendia frouxa, lembrando um crucificado.

Jazia prensado na lataria, metade dentro, metade fora.

De vez em quando parecia que ia pegar no sono e se dormisse, era morte certa. Então, tínhamos de forçá-lo a falar. Ele arfava, engasgava e vomitava frases que recompúnhamos e devolvíamos a ele. Não era de hoje que cortava essas estradas, estradas

assassinadas, ah, o que já tinha visto... Parecia que tinha nascido em boleia de caminhão, até estranhava a cama, quando chegava em casa; ia com o ajudante, sim senhor, conversando, bom rapaz...

(E do corpo do ajudante só se via um tufo de cabelo emplastrado.)

... iam entregar a carga e voltar no dia seguinte; num sabia não o que tinha acontecido; foi como um cavalo brabo que desembesta de repente, curva enganosa aquela, das pior.

Temos de ficar de olho na estrada, senão o socorro passa direto. Periga a ambulância não dar fé da carcaça do caminhão, lá no buraco.

Temos de vigiar o sol para que a noite não se abata de chofre sobre nós.

Nossos braços, exaustos de segurar as varas e tocar os bichos, pendem frouxos.

Os olhos do homem se fecham e uma espuma escura escorre, agora pelo canto da boca. Os porcos fazem um ruído estranho, como se estivessem revoltados com a sorte dos companheiros, sei lá se choram, quase uivam, e fuçam, irados, os corpos espalhados ao redor.

Um cheiro de merda vai crescendo na tarde e se misturando à brisa fresca.

Os porcos vão apertando o cerco.

Temos de vigiar a noite. E mais não podemos fazer.

ESTRANHAMENTE ÍNTIMA

A maioria das pessoas acredita que um acidente grave só acontece nas estradas, por imprudência do motorista ou descuido ou falha mecânica ou, ainda, por causa do péssimo estado das rodovias que sangram essas terras: no emaranhado tabuleiro, as peças se movem ao deus-dará.

A maioria das pessoas deve ter razão.

Por uma questão de sobrevivência, ninguém pensa que um desastre fatal, ou quase, possa acontecer quando se está a uma velocidade calma, em uma rua deserta, a poucas quadras da própria casa. Mas foi exatamente o que se passou comigo.

Eu subia a Avenida Afonso Pena, levada por *Mad About the Boy*, na voz de Dinah Washington, e me consolava do papel ridículo que representara dois dias atrás: enlouquecera de fato, mas a vida nem tão mádrasta é. Eu tinha acordado a tempo de não me colocarem numa camisa de força e agora rio das bobagens que fiz: pus peruca, óculos escuros e fui bater na porta da outra, fingindo ser representante de um produto de beleza só para vê-la de perto, imaginem!

E agora, depois de deixar na rodoviária minha melhor amiga, tráfego tranquilamente na pista do meio e acho graça do que passou. Neste momento, percebo um carro sair da Rua Gonçalves Dias, à direita, e avançar na diagonal, como se fosse atravessar a avenida e enveredar pela Bernardo Monteiro, do lado oposto, e penso “não é possível, que cara maluco!”. Mas ele não para nem diminui a velocidade e eu piso fundo no freio, girando o volante

para a esquerda, mas não adianta, ele continua cortando o meu caminho num risco enviesado e então eu vejo que não tenho saída, dou um golpe estratégico e faço uma curva radical, como se tivesse resolvido de última hora voltar à rodoviária e também embarcar para o Rio, bato no canteiro do meio e capoto para o meio da rua, naquele domingo morto.

Almas sensíveis me resgatam e me levam para o hospital da esquina.

Escoriações, luxações, pequenos cortes no rosto, braços e pernas. Pontos aqui e ali. Viram-me do avesso, avaliando os danos: não quebrei nada, mas é melhor ficar em observação. Continuam preocupados com a pancada na cabeça que me fez perder os sentidos. Bom pra relaxar — brinco, mas ninguém ri.

O golpe deixou na testa um hematoma tamanho médio e a sensação de que alguma coisa anda errado mundo afora. De vez em quando saio do ar sem nenhuma explicação. Pelo menos, que eu saiba.

O cara maluco teve sorte, não sofreu nada. Havia acabado de tirar o carro no consórcio, dera no lance todas as suas economias — chorou sem pudor — e agora ia ter de trocar a porta. Lamenta o acidente e pronto, fica tudo por isso mesmo. O assunto caduca sem ser resolvido. Ele não tinha nenhum seguro e eu assumi a total imperícia do imbecil.

Alguns prejuízos duramente assimilados e a rotina de novo se instala, para alívio de todos ao meu redor. Ninguém me aguentava mais. Retomo as aulas de inglês e as traduções. Retomo a hidroginástica e os desafios do dia a dia: correria, trânsito empacado, reuniões, compras, pagamentos, filas e filas.

Vivo cada vez mais sozinha. E falo assim como se viver sozinha, fato consumado, permitisse gradações. Por outro lado, no entanto, sinto que alguém me espreita e que algo trágico está para

acontecer. Natural, eu sei, depois de um acidente grave. Todas as coisas parecem corretas, mas algo, ignoro o quê, destoa do resto. Existe uma sutil dissonância na ordem precária das coisas ou, talvez, na própria estrutura dos elementos e não sei se essa dissonância está dentro ou fora de mim. O certo é que também eu passo a destoar do resto. Estou postiça, careço de naturalidade e me esquivo ao momento. Mas ninguém repara e aposto na minha desimportância para continuar passando despercebida. Despercebida como um gato.

A propósito, eu sempre quis ter um gato e pensei que agora viria a calhar. Dei vários telefonemas, procurei nos anúncios e acabei levando para casa um pequeno siamês cor de fumaça, o Paxá.

Boa companhia, mas exige muito de mim, mais do que eu esperava. Por causa dele as coisas, até então latentes, eclodiram de forma inesperada. Eclodiram numa noite em que eu, já tonta de sono, via mais um enlatado na televisão. Paxá deixou seu canto no fundo da sala e pulou no meu colo e o que aconteceu depois até hoje me assusta. O incidente veio também confirmar minhas suspeitas: minha mão faz o que quer, na hora que quer e do jeito que bem entende, independente de mim. Obedece ao comando de outra pessoa, uma outra que se apossa do meu corpo e através dele se exprime. Uma outra que me espreita e me usa à revelia e que, sem pudor, manifesta seu potencial de violência.

No início, considerei-a uma criança levada e relevei os fatos. Tratei-a às vezes com benevolência, às vezes com irritação, e nunca comentei com ninguém seus caprichos e travessuras. Mas as coisas pouco a pouco foram mudando. A inocente rebeldia descambou em delinquência e agora sou obrigada a reavaliar as coisas sob um prisma severo e realista: não sei até onde poderá ir e não sei como detê-la. Por isso receio o pior.

Recapitulando, fatos estranhos começaram a me perturbar logo depois do acidente, assim que reassumi as tarefas do dia a dia. Minha mão, antes obediente, foi ficando cada vez mais imprevisível. Passei péssimos momentos no supermercado quando ela, sem mais nem menos, surrupiou um chocolate, enfiando-o no meu bolso. Tentei devolvê-lo, mas ela se rebelou. Estava obstinada a nada pagar e endureceu o jogo, por isso entrei na fila com cara de vítima, disposta a arcar com as consequências caso o delito viesse à tona.

Mas os despropósitos não pararam aí. Num show ao ar livre, ela beliscou as nádegas opulentas de uma mulher e ato contínuo se recolheu, fingindo acompanhar o ritmo da música. Fiquei chocada. E então comecei a vigiá-la com redobrada atenção. Como se eu pudesse controlá-la ou prever suas súbitas investidas.

Em outra ocasião, puxou a sunga de um menino que berrava impertinências e cuspiu na piscina, importunando os banhistas. Tive que sair às pressas, sem olhar para trás.

Minha mão tornou-se traiçoeira. Louca, creio. E acho que não gosta de mim. Fatos análogos se repetiram, mas tentei administrar da melhor forma possível meu nervosismo e abafar os constrangimentos que eles me causavam. Preferi registrá-los como miseráveis contratemplos, vividos numa época não muito feliz da minha vida.

Mas a verdade é que não consigo esquecer essa estranha criatura. Melhor seria dizer, não posso ignorar o uso abusivo que faz de mim. Quando olho meu anular, por exemplo, lá está a aliança. Uma joia de pouco valor, mas uma joia! E por ela nada paguei. Sou então cúmplice? Nesse caso, talvez. Ainda não equacionei a questão. Aliás, deveria. Meu objetivo, ao entrar na loja, era comprar uma pulseira, presente para minha sobrinha. Mas, ao lado da pulseira, estavam os anéis, que de imediato seduziram meus

dedos. A tudo assisti, atônita com a esperteza daquela mão que sem titubear se apossa daquilo que deseja. Sim, ela sempre sabe o que quer e se insinua e não dá ouvidos às minhas interdições.

Está totalmente fora de controle, descobri certo dia, por causa dos comprimidos. Fui tomar um sedativo e ela me obrigou a engolir o restante da caixa, por sorte já pela metade. Dormi, vomitei, dormi. E tão logo dei conta de falar, em voz alta esconjurei a criatura.

Nunca mais comprei remédios de tarja preta. Ou vermelha. E só conservo em casa meu estoque regular de aspirina e antiácido.

Fui seguindo sem grandes sobressaltos até que, em uma noite, as coisas subitamente explodiram e ainda hoje me assustam. Eu digeria o enlatado de todo dia na televisão, quando o Paxá veio e pulou no meu colo. De forma automática, comecei a acariciá-lo. Era uma sensação reconfortante e fui relaxando, apesar dos tiros e das bombas. E então aconteceu. A mão começou a esganar o gato, a esganar o gato com os dedos em garra e ele mal conseguiu soltar um miado estrangulado e rouco, tão repentino foi. Esperneava, sem uma gota de ar. As unhas lanharam minhas pernas e gritei, tentando livrar o infeliz. Tudo durou uma breve cena na televisão. No quadro seguinte, a mão já abandonara Paxá e eu corri com ele pro tanque: quem sabe se com outro susto, o bichano se reanimava? Enfiei o coitado na água fria e ele estrebuchou, esgoelou agudo e, já no último fôlego, por milagre nasceu de novo.

Chorei de alívio. Coisa assim não dá mesmo pra esquecer.

Depois disso, o siamês nunca mais viu televisão comigo. Na hora dos tiros e explosões, corre e se esconde debaixo do tapete e costuma urinar de medo. Dá dó.

Pensei em consultar um médico. Procuo um psiquiatra, um neurologista, um clínico? Não vou ter coragem de falar: minha

mão, doutor, anda estranha. Faz o que bem entende, não obedece a minhas ordens, está totalmente fora de controle, surtou de vez. Tentei colocá-la de castigo, em vão. Ela não me ouve, ignora meus apelos e sai por aí só fazendo o que quer, o senhor entende? O senhor acredita? Não, lógico que não!

E o tempo vai passando. Um breve período de paz, adio o especialista e, aleatoriamente, os desmandos voltam a acontecer. É estresse, só pode ser estresse.

Decido passar o final de semana numa pousada perto de Belo Horizonte, lá para os lados da Serra da Moeda. Deixo Paxá aos cuidados da vizinha, enfio as roupas numa sacola e abandono a cidade. Vou sem pressa.

Essas montanhas da BR-040, próximas à Lagoa dos Ingleses... nada mais justo, nada mais perfeito. Com tal imponência se arredondam, com tal sensualidade se deitam e com suas curvas recortam o céu que o viajante descobre que não existe outro lugar no mundo, a não ser este, onde ele deve estar. Nasce o desejo de escorregar a mão pelo dorso das encostas que se oferecem em sombras e reentrâncias. Lombadas de pelo lustroso seduzem o olhar andarilho em matizes que partem do verde mais sisudo para o amarelo mais regateiro. Aqui e ali, lilases. E uns vermelhos de banho tomado, arregalando luzes, que é pra ninguém se perder.

Abandono a rodovia principal e enveredo à direita. Dois ou três quilômetros adiante, a estrada começa a descer em curvas estreitas, tão rápidas quanto um rio que se precipita serra abaixo. Não dá para parar e contemplar, mas entrevejo belezuras que se mostram entre um naco de morro e outro ou entre arbustos que teimam em se equilibrar nas ribanceiras. Compulsivamente continuo a descer em busca do merecido repouso.

Mas de repente, algo inesperado acontece. Perco o controle do volante e minha mão assume a direção. O carro ganha velocidade,

raspa as beiras do barranco e vai ao outro extremo da curva, desliza por um fio na borda do precipício e volta no mesmo embalo, saracoteando moleque, como se estivesse a transpor obstáculos numa pista de teste. O cheiro de borracha queimada me assusta e eu tento impedir o crime que se anuncia. Porque agora eu sei.

As cenas se aceleram e montanhas desabam sobre mim. Tomada pela vertigem, quero apenas que o horizonte se acalme e que volte a ser paisagem. Mas o veículo desembesta, desbanca algumas pedras de seus cômodos, vai ceifando moitas de sempre-viva e salta feito cabrito nas laterais do barranco.

Esta estrada não tem fim. Embaixo não existe vale, penso, antes de flutuar no espaço, definitivamente livre daquela criatura.

Agora tenho certeza: ela não gosta de mim.

AMOSTRA

PITUCHAS

Sei que a culpa foi minha, que não devia ter faltado ao serviço combinado, não devia, mas estou com um monte de complicação, cheio de problemas, o senhor nem imagina, temquever temquever, fui até morar num hotel, muita coisa estranha acontecendo lá em casa, parece mentira, mas o senhor me conhece faz tempo e eu sempre fiz a minha parte, certo?, o pior de tudo, deixa eu falar, foi o negócio da minha mulher, a Aline, lembra?, exato exato, aquela que morreu, é, eu nunca casei de novo, pois então, descobri outro dia que enterrei foi a irmã gêmea dela, igual a Aline, só que mais gordinha, daquela mesma altura e com o cabelo de índia, bem liso e escuro, não senhor, no dia do enterro eu estava tão abalado que não notei diferença nenhuma, pra mim era mesmo a minha esposa, mãe dos meus três filhos, nessa época ainda miúdos, e foi uma choradeira só, é claro que o senhor lembra, faz muito tempo sim, o senhor tem razão, mas eu já trabalhava de pedreiro pra sua senhora, hoje os meninos estão bem-crescidos, claro, bem-criados com a ajuda de Deus, o caçula, o Júnior, veio até me dar uma mão no serviço outro dia, tem o Geraldo que vai fazer o vestibular e a Pitucha, a mais maiorzinha, que passou a complicar também porque em vez de uma Pitucha, agora descobri que são três, como assim?, o senhor vai entender já já, nasceram trigêmeas, a Pitucha que o senhor conhece e mais outras duas, mas eu nunca soube de nada nem podia imaginar uma coisa dessas e só outro dia elas apareceram lá em casa, eu levei o maior susto de tão iguais, é de espantar sim, e não sei o que hei de fazer, claro que eu estava na maternidade no dia do